

Masculinidades em trânsito: uma análise do curso *online* “Mas você vai de chinelo?”

Masculinities in transit: an analysis of the online course “But are you going to wear flip flip?”

Cristiano Eduardo da Rosa¹

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

cristiano1105@hotmail.com

Jane Felipe²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

janefelipe.souza@gmail.com

Resumo: Neste artigo analisamos o curso “Mas você vai de chinelo?”, criado pelo site PapodeHomem em parceria com a empresa Havaianas, que propõe que os homens tenham mais confiança para se vestir. Problematicamos alguns aspectos da capacitação, como divulgação, conteúdo e linguagem, com aporte nas teorizações dos Estudos Culturais e dos Estudos de Gênero em uma perspectiva pós-estruturalista de análise. O curso, gratuito e *online*, é dividido em 20 vídeo-aulas de 1 a 3 minutos que foram publicadas no último quadrimestre de 2019. Os resultados da análise apontam para representações de masculinidades que reiteram identidades fixas, por mais que o discurso da proposta seja de que cada um pode ter o seu próprio estilo. O referido curso opera com um ideal de homem tomando como base um sujeito que tem pouco tempo para o cuidado de si, não tem informações sobre como se vestir bem e que está preocupado com a sua imagem.

Palavras-chave: Masculinidades; *Scripts* de gênero; Estilo.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

Abstract: In this article we analyzed the course “But are you going to wear flip flop?”, Created by the PapodeHomem website in partnership with the company Havainas, which proposes that men have more confidence to dress. We problematize some aspects of course, such as divulgation, content and language, with contributions from the theories of Cultural Studies and Gender Studies in a post-structuralist perspective of analysis. The course, free and online, is divided into 20 video lessons of 1 to 3 minutes, which were published in the last four months of 2019. The results of the analysis point to representations of masculinities that reiterate fixed identities, no matter how the proposal's discourse is that everyone can have their own style. This course operates with the ideal of a man based on a subject who has little time to take care of himself, has no information on how to dress well and is worried about his image.

Keywords: Masculinities; Gender scripts; Style.

“Queremos ajudar você a se transformar por fora e por dentro. Topa?”

Tem sido bastante comum encontrarmos quadros ou mesmo programas de televisão inteiros cuja proposta é “transformar” mulheres, com o discurso de resgatar a autoestima e estimular o empoderamento feminino por meio de uma mudança estética que recai sobre sua aparência: corte e pintura de cabelo, maquiagem, roupas e, em alguns casos, até alinhamento e clareamento dos dentes. Como exemplos, podemos citar “Troca de Estilos” (Discovery Home & Health) e “Drag Me As a Queen – Uma Diva Dentro de Mim!” (Canal E!), além dos programas mais populares dos canais abertos, com os quadros “Beleza Renovada” do programa da Eliana (SBT) e o “Transformação da Face” do Hoje em Dia (Record TV).

Por mais que essas modificações acabem reforçando a ideia de que é preciso haver uma transformação na aparência feminina para que as mulheres se sintam realizadas, plenas e bem consigo mesmas, o que de certa forma se confirma com o depoimento final daquelas que passaram por tal processo, não podemos ignorar o quanto tais programas voltados para o público feminino reforçam determinados *scripts* de gênero (FELIPE, 2019), associando o empoderamento das mulheres à sua aparência. Cabe também lembrar que muitas dessas mulheres que passaram pela “transformação” de sua aparência não têm condições financeiras de prosseguir posteriormente com tais procedimentos estéticos, pois estes geralmente custam caro.

Nesse cenário, destacamos o quanto os homens não parecem estar sujeitos aos ditames estéticos que envolvem a sua aparência, uma vez que esses quadros nos programas de entretenimento são voltados às mulheres. No entanto, no último quadrimestre de 2019, surgiu uma proposta de um curso, gratuito e *online*, veiculado pelo site PapodeHomem, cujo objetivo era orientá-los a descobrirem e terem um estilo próprio.

Inicialmente, a proposta do curso era formar uma turma presencial de 15 homens; contudo, o referido site, em parceria com a empresa de chinelos Havaianas, teve um grande número de inscrições, levando-os a ofertar a capacitação intitulada “Mas você vai de chinelo”? de maneira *online*:

PapodeHomem acredita que homens podem ser mais independentes, mais seguros, mais honestos consigo mesmos, com suas emoções e com o mundo. Havaianas acredita que o chinelo pode ser uma peça coringa que agrega estilo ao look masculino em diferentes ocasiões como encontros em restaurantes, reuniões de trabalho ou encontros com os amigos. Queremos ajudar você a se transformar por fora e por dentro. Topa? ³

PapodeHomem é um site que existe desde 2006 e, a partir de então, tem a proposta de colaborar para a transformação dos homens, reunindo mais de 500 sujeitos ao redor do planeta promovendo debates e reflexões, fomentando um espaço para cultivar uma visão mais ampla do mundo, desafiando preconceitos, aprendendo a viver e se relacionar com mais satisfação. ⁴

Já a Havaianas é uma marca brasileira de sandálias criada em 1962 e que pertence a uma das maiores empresas de calçados do mundo, a Alpargatas. Na atualidade, a companhia e seus produtos estão presentes em mais de 80 países, incluindo, além dos chinelos, também tênis, alpargatas, galochas, roupas e óculos.

O título do curso já opera como uma espécie de gerador de uma inquietação motivadora para os possíveis cursistas, instaurando reflexões sobre a imagem que os homens passariam por meio de suas vestimentas e calçados. A proposta tenta realizar uma aproximação do sujeito alvo com o conteúdo:

O cara que nunca parou para pensar direito no próprio estilo talvez não consiga mesmo escolher a camisa mais adequada para o seu tipo de corpo ou uma calça que caia bem, e provavelmente vai vacilar nas combinações. E aí, a mensagem que ele passa para o mundo acaba ficando meio confusa, ou até contraditória em relação a quem ele é. ⁵

Desta forma, percebemos uma preocupação com a imagem do homem por meio da roupa que ele veste – algo que o site do PapodeHomem já vem se dedicando a fomentar com a publicação de artigos envolvendo homens e moda (SANTANA, 2019). Porém, questionamos: de onde vem essa preocupação? Os homens estariam mesmo se importando tanto assim com sua imagem? Ou seria uma constatação dos proponentes do curso? Ou ainda uma imposição dentro dos moldes capitalistas, provocando novos desejos e necessidades, inclusive com a aparência, para incrementar as vendas de determinados produtos? De que modo tais grupos operam com a ideia de que a transformação exterior pode/deve necessariamente provocar mudanças no interior dos sujeitos?

A capacitação se pretende para um grupo diversificado de homens, afirmando em sua chamada de inscrições que “Não importa o seu tamanho, sua cor ou sua orientação sexual. Todo homem pode se vestir

³ Disponível em: <http://www.masvocevaidechinelo.com.br>. Acesso em: 15 jan. 2020.

⁴ Disponível em: <http://papodehomem.com.br>. Acesso em: 16 jan. 2020.

⁵ Disponível em: <http://papodehomem.com.br/mas-voce-vai-de-chinelo-or-inscreva-se-agora-no-nosso-curso-de-estilo-online-gratuito>. Acesso em: 14 jan. 2020.

melhor sem abrir mão do conforto, e, assim, melhorar a própria autoestima e a relação com as pessoas ao seu redor. Todo mundo sai ganhando!”.⁶

Contudo, não podemos nos esquecer de que há um patrocínio por trás disso (Havaianas), e que este insere os chinelos como componentes básicos de estilo do homem; sendo assim, boa parte das aulas contempla como se pode combinar o referido tipo de calçado com as mais variadas roupas.

Na elaboração do curso estão dois responsáveis: o publicitário e consultor de estilo e imagem Rodolfo Kanematsu – que também exerce o papel de apresentador – e a coordenadora pedagógica Camila Simielli. Para se inscrever na capacitação, bastava acessar o site e inserir nome, sobrenome, e-mail, telefone e obrigatoriamente marcar a opção de aceitar receber os conteúdos educacionais do PapodeHomem e da Havaianas.

Moda, substantivo feminino; estilo, substantivo masculino

Conforme conta em sua biografia “Le Temps Chanel” (CHARLES-ROUX, 1980, p. 244), para a famosa estilista francesa Coco Chanel, “a moda passa, o estilo permanece”. Tal afirmação nos faz refletir sobre diversas questões que envolvem a diferença entre esses dois conceitos. Enquanto o estilo estaria mais relacionado com a atemporalidade e a personalidade dos sujeitos – que criariam suas próprias regras de vestimenta – a moda seria definida por uma indústria que ditaria como devemos nos vestir a fim de atender às suas expectativas a cada nova temporada.

Letícia Lanz (2017, p. 171) observa que

Corpos humanos são, antes de tudo, corpos vestidos: decorados com desenhos, cobertos com peles, folhas ou penas, usando roupas tribais ou os últimos lançamentos da São Paulo Fashion Week, enfeitados com adornos dos mais diversos tipos e materiais. A roupa é um fator básico da vida social de todas as culturas até hoje conhecidas.

Sobre o debate da relação entre moda e gênero, Marina Seibert Cezar (2019) explora em seu livro “Moda e gênero: corpo político, cultura material e convenções na construção da aparência” as dimensões sociais da moda e como o vestuário opera com signos que articulam uma identidade atravessada pelo consumo. A autora ainda resgata o gênero na história da moda do século XIV até a tendência da moda sem gênero, discutindo também aspectos do corpo adestrado, da fabricação do feminino e da apropriação do próprio corpo.

Todavia, Lanz (2017, p. 174-175) pontua que “nenhum outro processo simbólico constrói, mantém, reproduz e dá suporte ao dispositivo binário de gênero com tanta eficiência e propriedade como a roupa e,

⁶ Disponível em: <http://papodehomem.com.br/mas-voce-vai-de-chinelo-or-curso-de-estilo-online-gratuito-inscreva-se-agora>. Acesso em: 14 jan. 2020.

consequentemente, a moda”. Nesse sentido, indagamos: por que para as mulheres se fala mais em moda do que em estilo? Que normas de gênero estariam imbricadas nessas sutis diferenças de temáticas e abordagens?

Como lembrou Umberto Eco (1973, p. 59), “a gente fala através de nossas roupas”, ou seja, conforme o quê e como nos vestimos, expressamos quem somos e, com base nisso, somos interpretados pelos outros sujeitos. E consideramos interessante pensar que tal fato ocorre não importando a roupa que usamos, pois seremos avaliados se tivermos ou não um estilo e se estivermos dentro ou fora da moda vigente.

A questão da roupa como artefato cultural também colabora desde cedo com um investimento em corpos, padrões estéticos e corporais já na escola, principalmente com as meninas, como aponta a pesquisa de Dinah Quesada Beck (2012), que investigou o embelezamento e o consumo na composição dos uniformes escolares infantis.

De certa forma, acreditamos que as roupas acabam por contribuir com o disciplinamento dos corpos, sendo possível perceber tal processo desde a mais tenra idade. Além disso, é importante pensarmos em como as vestimentas atuam de maneira diferente nos corpos femininos e masculinos, servindo também como justificativas para algumas atitudes, como no caso das mulheres serem assediadas, abusadas e violentadas sexual e verbalmente pelo simples fato de estarem vestindo uma minissaia, por exemplo.

Assim, acreditamos que tais questões em debate, relacionadas com estilo e personalidade, estejam diretamente ligadas aos *scripts* de gênero (FELIPE, 2019, p. 241), entendidos aqui como

Roteiros, definições, normas, apontamentos, às vezes negociáveis, em outras circunstâncias nem tanto, que prescreveriam as condutas dos sujeitos. Quando os *scripts* são ignorados, rompidos ou modificados, seus autores, neste caso, a sociedade que se pretende hegemônica e que insiste em traçar determinados padrões de comportamento, trabalha no sentido de impor sanções e promover discriminações a todos os sujeitos ou grupos que ousam romper, modificar ou mesmo (re)escrever seus próprios *scripts*.

Pensamos ser cada vez mais necessário falar sobre masculinidades, no plural, tendo em vista a carência de um debate mais amplo e aprofundado sobre a existência de masculinidades hegemônicas, tóxicas, suaves e também transmasculinidades, entre outras. Principalmente na Educação, consideramos de extrema relevância a discussão sobre como esses modelos masculinos vêm capturando as crianças desde cedo e fomentando a prática do machismo e da homofobia, por exemplo.

As masculinidades contemporâneas passam por um momento crucial de tensionamento, como se estivessem em negociação com as demandas atuais da sociedade. Nesse contexto, nos últimos anos surgiu a categoria de metrossexual, que, como Cezar (2019, p. 51) observa, “foi um termo que permitiu dar conta daqueles homens considerados excessivamente preocupados com a aparência, despendendo dinheiro e tempo a mais do que o comum”. Assim, torna-se interessante pensarmos: até que ponto está de fato ocorrendo uma (des)construção dos *scripts* de gênero ou seria apenas uma nova categorização para que os padrões binários se mantenham?

Nesse sentido, entendemos ser interessante observar o que Gilles Lipovetsky (1989, p. 131) pontua ao dizer que “enquanto as mulheres têm acesso em massa aos trajes de tipo masculino e os homens reconquistam o direito a certa fantasia, novas diferenciações surgem, reconstituindo uma clivagem estrutural das aparências”. Para o autor, mesmo com as modificações culturais sobre vestimenta para os gêneros, sempre haverá modos e (des)caminhos para a distinção entre mulheres e homens.

O recente estudo/relatório “Masculinidades e saúde na região das Américas”, publicado em novembro de 2019 pela Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS)⁷, afirma que a masculinidade tóxica – aquela que é posta como um ideal de ser homem com base em comportamentos agressivos e violentos – fará com que 1 em cada 5 homens nas Américas não alcancem os 50 anos.

Além disso, a temática das masculinidades tem também ganhado considerável espaço no meio acadêmico nos últimos anos, sendo objeto de pesquisas desde a graduação até o mestrado e o doutorado, assim como tema de dossiês em periódicos de variadas universidades e discussão central de alguns livros e eventos. Destacamos a obra “De guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil” (CAETANO e SILVA JUNIOR, 2018), que apresenta um mosaico sobre os estudos a respeito das masculinidades no país, escritos por diversos/as pesquisadores/as de instituições públicas brasileiras, além de outras produções de dissertações e teses, que têm investigado os processos culturais e pedagógicos de produção, manutenção e modificação das masculinidades, enfatizando as relações entre masculinidade, corpo e sexualidade, políticas públicas de saúde e direitos sexuais.

Nesse contexto, destacamos algumas produções de pós-graduação, como “Quero ser um pai como a minha mãe: produção de masculinidades e o programa bolsa família” (MAZZAROTTO, 2019), “Mind the trap: construção de masculinidades juvenis e suas implicações com o desempenho escolar” (SILVA, 2018), “Do Olímpico à Arena: elitização, racismo e heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de estádio” (BANDEIRA, 2017), “Rua da Passagem: acidentes de trânsito como espaços de (re)produção e práticas de masculinidades” (SILVA, 2014), “Seja gay... mas não se esqueça de ser discreto: produção de masculinidades homossexuais na Revista Rose (Brasil, 1979-1983)” (LOPES, 2011), “Um jeito masculino de dançar: pensando a produção das masculinidades de dançarinos de hip-hop” (SANTOS, 2009), “Masculinidades disponíveis.com: sobre como dizer-se homem gay na internet” (ZAGO, 2009) e “Homens sobre rodas: representações de masculinidades nas páginas da revista quatro rodas” (FIGLIUZZI, 2008). Evidenciamos ainda os trabalhos envolvendo as infâncias “Sujeitos infantis masculinos: homens por vir?” (BELLO, 2006) e “Pai não é de uso diário(?): paternidades na literatura infanto-juvenil” (SEFTON, 2006).

“Então pega alguma coisa pra você beber aí e beliscar e vem comigo que eu te conto tudo!”

⁷ Disponível em: <http://iris.paho.org/handle/10665.2/51666> Acesso em: 20 jan. 2020.

A linguagem utilizada por Rodolfo Kanematsu ao longo dos vinte vídeos que compõem o curso traz uma proposta de aproximar os homens participantes com os conteúdos, fazendo-os se sentirem como se estivessem entre amigos. O cenário é sempre o mesmo: ambiente aberto com algumas plantas altas ao fundo, araras com roupas, cômodos com chinelos mais à frente e o apresentador ao centro do espaço.

É interessante aqui observar sobre a escolha de um homem para apresentar a capacitação, tendo em vista o mesmo gênero como público-alvo. Será que a ideia de se ter uma mulher falando sobre estilo para homens seria menos aceita? A maioria dos homens cursistas aceitaria dicas de uma mulher? Que estratégias estariam vinculadas à escolha de Rodolfo como condutor das aulas?

No curso de graduação em Moda, por exemplo, é comum encontrarmos mais mulheres do que homens, assim como observamos que a própria indústria da moda parece investir mais em vestimentas femininas do que masculinas. E se refletirmos sobre os eventos desse setor, igualmente é usual a presença maior de mulheres, seja na própria profissão de estilista ou de modelo.

Ao todo, o curso “Mas você vai de chinelo?” possui 52 minutos e 10 segundos de vídeo e, mesmo cada aula tendo no máximo três minutos, ao final delas é apresentado um resumo com os pontos-chaves do que foi falado. Ao mesmo tempo em que Rodolfo faz um resumo bem direto e somente com o que supostamente interessaria ao cursista, a todo o momento ele pede a sua atenção e solicita que tome nota das dicas. No vídeo aparecem palavras-chaves que sintetizam a ideia do que o apresentador está explicando.

A questão do tempo nos remete novamente às vídeo-aulas curtas, direcionando um homem que seria muito ocupado com o trabalho e que não poderia ou não teria paciência para ficar muito tempo assistindo aos vídeos sobre como se vestir bem e melhor. E como uma espécie de atrativo aos cursistas para a sua inscrição: “Depois das 20 aulas, vai rolar até um certificado para atestar que você nunca mais será um jeca tatu desleixado com roupas largas e imagem pessoal confusa. Mas o mais interessante mesmo é a mudança que torcemos para que aconteça em você por dentro.”⁸

A utilização da expressão “jeca tatu desleixado com roupas largas” tem como referência o personagem Jeca Tatu, um trabalhador rural paulista criado pelo escritor Monteiro Lobato em sua obra *Urupês* – coletânea de contos e crônicas publicada em 1918, retratando a situação do caipira brasileiro. Tal figura ficou também famosa pelo filme de mesmo nome estrelado pelo ator, humorista, cantor e cineasta Amácio Mazzaropi, em 1959.

A questão da “imagem pessoal confusa” também nos leva a pensar sobre a exigência que há acerca da obrigatoriedade de se ter um estilo definido, como se realmente ele delineasse verdadeiramente quem somos. Notamos que o curso a todo momento pontua isso, de que não saber se vestir resulta na passagem de uma imagem errada sobre quem se é.

Sobretudo, também ponderamos que um sujeito que afirme que não possui estilo, na verdade, já opera com um estilo, que está diretamente vinculado a vários fatores, um dos quais o poder aquisitivo. Para grande parte da população brasileira, comprar uma roupa está diretamente ligado ao poder de compra dos indivíduos.

⁸ Disponível em: <http://papodehomem.com.br/mas-voce-vai-de-chinelo-or-inscreva-se-agora-no-nosso-curso-de-estilo-online-gratuito>. Acesso em: 14 jan. 2020.

Na maioria das vezes se compra aquilo que está na promoção, com preços mais acessíveis. Outra questão diz respeito ao tempo que dispomos para ir às compras, considerando a carga de trabalho semanal da população. Também é preciso considerar, a despeito dessas questões de ordem prática – ter ou não ter dinheiro e tempo – que muitas pessoas podem querer abraçar um estilo mais eclético nos modos de se vestir, não estando refém da moda ou de um estilo singular.

“Para você aprender sem perder tempo”: analisando as vídeo-aulas e os comentários

As vinte aulas em formato de vídeo foram sendo liberadas gradualmente na plataforma do curso durante todo o último quadrimestre de 2019, sendo divididas em três módulos a partir dos seus conteúdos diferentes, como mostraremos em imagens a seguir.⁹

No primeiro módulo, que vai da aula 1 a 8, o conteúdo aborda moda, estilo, camisetas, camisas, bermudas, calças, combinação de roupas e cores:

Módulo 1 do curso “Mas você vai de chinelo?”.

Módulo #1 - Vista-se sozinho: lições básicas de estilo, estética e autonomia	
✓	▶ Aula #1 - Preciso estar na moda para me vestir bem? (2:26)
✓	▶ Aula #2 - Como identificar o meu estilo (2:46)
✓	▶ Aula #3 - A modelagem ideal: camisetas e camisas polo (2:40)
✓	▶ Aula #4 - A modelagem ideal: camisas (2:41)
✓	▶ Aula #5 - A modelagem ideal: bermudas (2:04)
✓	▶ Aula #6 - A modelagem ideal: calças (2:19)
✓	▶ Aula #7 - Harmonia e coerência: como combinar roupas (3:00)
✓	▶ Aula #8 - Como combinar cores: um guia básico (2:40)

Fonte: Site do curso “Mas você vai de chinelo?” (2019).

Logo na primeira aula, Rodolfo enfatiza que “moda é característica, e não juízo de valor”, sendo um aspecto temporal e perecível. Ele também observa que “nem sempre moda e vestir-se bem estão de mãos dadas”, assim como pontua que “vestir-se bem é quando você consegue expressar a sua personalidade em qualquer que seja o evento ou momento da sua vida”. Como uma referência aos cursistas, ele cita o

⁹ A menor vídeo-aula possui 1 minuto e 37 segundos, e a maior 3 minutos e 20 segundos. As aulas foram publicadas aos poucos, a saber: aulas de 1 a 5 - dia 23/09/2019; aulas 6 a 8 - dia 02/10; aulas 9 e 10 - dia 23/10; aulas 11 a 14 - dia 13/11; aulas 15 a 20 - dia 03/12.

personagem T'Challa, rei de Wakanda no filme “Pantera Negra” (2018), um modelo de homem que se veste bem e tem estilo.

Cezar (2019, p. 35) expõe que “ao explorar o corpo com revestimentos visíveis, o proprietário governa sua própria essência e, como resposta, projeta, em grande escala, a própria história da civilização”. Desta forma, segundo a autora, “é reforçada a ideia da aparência pessoal como um desdobramento de si”, o que nos leva a entender que, em algumas ocasiões, vestir uma roupa apenas pelo conforto pode levar uma pessoa a ser lida como algo que ela não é ou não representa ser.

Na segunda aula, o consultor de estilo e imagem faz questão de indicar que “estilo não é o que veste, e sim como se veste”, argumentando que “investir em autoconhecimento para conseguir expressar características e personalidade através das roupas”. Então ele apresenta o ator Marlon Brando em uma imagem do filme “O Poderoso Chefão” (1972), comentando que o estilo daquele homem faz parte de sua personalidade e talvez as roupas que ele veste não ficariam bem em outros sujeitos.

Apesar de pontuar que “existem diferentes biotipos e formatos de corpo” e que “não existe biotipo perfeito”, Rodolfo acaba comentando que ele mesmo possui uma “silhueta mais equilibrada”, definindo tal apontamento por apresentar ombros alinhados com o quadril. As aulas seguem indicando os ajustes necessários para se fazer em camiseta e camisa polo (manga, largura e comprimento), camisas (colarinho, ombro, mangas e largura), bermudas (largura e comprimento) e calças (cintura, caimento e comprimento) a fim do cursista ficar melhor vestido.

Sobre a harmonia de cores e peças, a dica dada foi fazer “combinações inteligentes”, a fim de passar uma imagem coerente sobre sua personalidade. Harmonia seria sinônimo de uma combinação sem conflitos, e as cores sempre deveriam estar harmonizadas com seu corpo, dependendo do contexto e da ocasião de uso.

Já no segundo módulo, correspondente a mais seis aulas, da 9 a 14, o curso contempla as noções de autenticidade, estampas, clima, guarda-roupa cápsula, estilo atemporal e vida útil das roupas:

Módulo 2 do curso “Mas você vai de chinelo?”.

Módulo #2 - Faça chuva ou faça sol: dicas para ser elegante o ano inteiro	
✓	▶ Aula #9 - Como ser autêntico em meio a tantas regras (2:54)
✓	▶ Aula #10 - Como usar estampas sem parecer caricato (2:07)
✓	▶ Aula #11 - Como se vestir bem num país quente (2:23)
✓	▶ Aula #12 - Montando um guarda-roupa cápsula (3:15)
✓	▶ Aula #13 - Como se vestir de maneira atemporal (1:53)
✓	▶ Aula #14 - Aumente a vida útil das suas peças (3:20)

Fonte: Site do curso “Mas você vai de chinelo?” (2019).

O módulo começa com uma aula sobre ter estilo e ser autêntico mesmo com as regras. Rodolfo enfatiza que “a roupa é uma ferramenta de comunicação, ela tem que estar sempre alinhada com o ambiente”, utilizando imagens do Mark Zuckerberg (um dos fundadores da rede social Facebook) como exemplo de código de vestimenta e credibilidade nas situações do cotidiano. Ao evocar como exemplo um jovem e bem-sucedido empresário, reitera-se um modelo de masculinidade que não se limita apenas às roupas, mas a ideia de que existe um modo de ser homem mais aceitável e mais desejável do que outros modelos. Reafirma-se, portanto, uma masculinidade que se pretende hegemônica e ao mesmo tempo inatingível para a maioria dos homens (SEFFNER, 2003).

Já na aula 10 o tema foi estampa, explicando como utilizar sem parecer caricato, trabalhando com o equilíbrio e o contraste. A dica resumo foi para pensar "no equilíbrio para você dosar a quantidade de informações que você quer passar para a outra pessoa e no contraste para que você consiga exatamente dar destaque para aquela peça ícone em questão".

Nas aulas que seguem, há o alerta para se prestar atenção nos tecidos e nas cores das roupas a fim de fazer com que o corpo respire melhor; e foi apresentado o conceito do guarda-roupa cápsula – um armário minimalista e eficiente para economizar tempo e dinheiro, cujo objetivo é ter a menor quantidade de roupas e o maior número de combinações entre elas. Foi debatido também sobre a moda atemporal, afirmando que "clássicos são os itens que permanecem elegantes ao longo do tempo", com a dica para que o cursista “invista no bom ajuste das suas roupas e coloque mais personalidade”. Por fim, o tema foi a boa conservação de roupas, envolvendo dois principais momentos: a hora de lavar e a hora de guardar, sempre prestando atenção na etiqueta das peças.

E no terceiro e último módulo, correspondendo às aulas de 15 a 20, o curso finaliza com dicas práticas que englobam diversas ocasiões:

Módulo 3 do curso “Mas você vai de chinelo?”.

Módulo #3 - Respostas práticas para quem quer estar bem vestido em qualquer ocasião	
✓	▶ Aula #15 - Como combinar camisa e chinelo? (2:30)
✓	▶ Aula #16 - Tá liberado trabalhar de bermuda. Mas e o resto (3:06)
✓	▶ Aula #17 - Do trabalho para o happy hour - o que vestir? (1:37)
✓	▶ Aula #18 - O que usar em eventos casuais durante o dia? (2:23)
✓	▶ Aula #19 - Sou um cara bem alinhado. Não vou sair de chinelo, vou? (2:56)
✓	▶ Aula #20 - Bermuda e chinelo num casamento: pode? (3:10)

Fonte: Site do curso “Mas você vai de chinelo?” (2019).

No último e terceiro módulo, Rodolfo iniciou abordando a combinação de chinelo com camisas, mesmo sendo “itens opostos por natureza”, já que chinelo é casual e camisa é formal – a dica foi aproximar

esses itens com um item de transição, para que haja uma “leitura gradual e harmônica”. Na aula 16 ele debate sobre como ir trabalhar de bermuda “sem parecer desleixado ou imaturo”, visto que “trabalhar de bermuda é mais confortável e pode aumentar a produtividade”, indicando peças mais lisas e com cores terrosas e escuras. E aqui, mais uma vez, fica evidente a que classe social se destina o curso, já que para a maioria da população brasileira que ainda está empregada, não há total liberdade para ir trabalhar de chinelo, por exemplo. Esse visual descolado que o curso *online* propõe é destinado basicamente a homens mais jovens e de classe social mais favorecida.

Em seguida, as dicas são para como ir a um *happy hour* (momento informal depois do expediente) com uma roupa que transite da empresa para o bar. Já na aula 18, é abordado como se vestir bem em eventos casuais durante o dia, apontando que a imagem do cursista “sempre tem que ser coesa independente do ambiente inserido”. Sobre ser um homem alinhado e sair de chinelo, o instrutor destaca que o importante é “se sentir bem com suas roupas”, podendo até mesmo ir a um casamento de chinelo se esta situação combinar com o código de vestimenta proposto na ocasião. E para encerrar a última aula, Rodolfo deixa um recado: “quem tem conhecimento, tem bom senso”.

Para cada aula/vídeo havia um espaço na mesma página para comentários, sendo que a maioria destes eram elogios à aula ou ao curso como um todo, sendo poucos os que buscavam esclarecer alguma dúvida sobre o conteúdo. Além disso, observamos que nem todos os comentários eram respondidos pela equipe do PapodeHomem ou pelo próprio Rodolfo.¹⁰

Nesse sentido, relativizamos o que Rute Nogueira de Moraes Bicalho e Maria Cláudia Santos Lopes de Oliveira (2012, p. 469), debatendo o processo dialógico de construção do conhecimento em fóruns de discussão, apontam ao afirmarem que há uma “relação significativa entre o engajamento dialógico dos interlocutores e a qualidade dos processos de aprendizagem”. Além disso, as autoras sugerem que a participação ativa, frequente e pertinente dos interlocutores na discussão via fórum se configura como um indicador do sucesso de um curso *online*.

Comentário no espaço de discussão da aula 2 do curso “Mas você vai de chinelo?”.

¹⁰ Em um levantamento sobre o número de comentários de cada aula, no primeiro módulo a aula 1 teve 579 comentários, enquanto a aula 7 teve apenas 35; já no segundo módulo, a aula com mais comentários foi a número 14, com 34, e a com menos foi a 13, com somente 11; e no terceiro módulo, a aula 20 teve 48 comentários e a 16 teve meramente 2 comentários. É preciso pontuar que a contagem de comentários engloba tanto o escrito pelos cursistas como a resposta pelo instrutor do curso. Tais números de comentários são correspondentes à coleta realizada no dia 17/01/2020.



Fonte: Site do curso “Mas você vai de chinelo?” (2019).

Pelo espaço dos comentários, percebemos também que há cursistas mulheres e que se manifestaram elogiando as vídeo-aulas e até afirmando que estão participando para tentar melhorar o estilo do esposo e do filho (como mostra a imagem anterior). Com isso, notamos que, mesmo sendo um curso destinado a homens, as mulheres ainda se fizeram presentes, talvez com o objetivo de cuidar da aparência de algum homem do seu convívio afetivo.

Tal situação nos faz refletir sobre o contexto de muitas mulheres que, no exercício das funções de esposas e mães, acabam abraçando a tarefa de cuidado até mesmo na escolha das vestimentas dos namorados, maridos e filhos, além dos cuidados com sua própria aparência. A ideia de uma mulher multitarefas corrobora a concepção de que muitas cumprem com uma oitava jornada de trabalho (ROSA e FELIPE, 2019), cabendo a ela a preocupação até mesmo com o visual dos homens da casa, incluindo aqui a escolha das roupas, já que muitos homens alegam não ter a menor paciência para ficar escolhendo suas próprias peças de vestuário, indo a lojas e shoppings.

Por fim, em vídeo publicado no seu canal no YouTube em 31 de janeiro de 2020, o site PapodeHomem apresentou como foi o impacto do curso, divulgando que as vídeo-aulas foram vistas mais de 20 mil vezes por dezenas de milhares de alunos. Além disso, afirmaram que nos primeiros dois meses do curso foram atingidos 193% da meta de inscrições, assim como apontaram que milhões de pessoas foram impactadas com os conteúdos sobre estilo e moda para homens por meio da capacitação e de artigos publicados no site.¹¹

Estilo e *scripts* de gênero: o debate e o reforço das normas

Mesmo incentivando que cada cursista descubra seu próprio estilo, por vezes nos parece que o curso tende a acreditar em uma masculinidade hegemônica, uma prática que legitima o patriarcado, garantindo uma posição de dominante para os homens e subordinação para as mulheres (CONNELL, 1987).

Contudo, Fernando Seffner (2003, p. 137) salienta que

¹¹ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=N0EEupzCYsI>. Acesso em: 15 fev. 2020.

São com certeza poucos homens que detêm o conjunto completo de atributos prescritos para a masculinidade hegemônica, e talvez se possa dizer que são mesmo poucos aqueles que conseguem reunir uma quantidade razoável daqueles atributos. Desta forma, muitos homens mantêm alguma forma de conexão com o modelo hegemônico que não cumprem na totalidade. Investir nestas características que permitem a conexão com o modelo dominante torna-se importante como forma de desfrutar dos privilégios àquele concedidos.

Em muitos momentos percebemos referências a homens em seus ambientes de trabalho, com outros sujeitos masculinos, em reuniões e até mesmo *happy hour*. Tais aspectos acabam excluindo algumas possibilidades para além desse modelo, o que também resulta no incentivo à construção de uma identidade que é totalmente baseada nos *scripts* de gênero propostos e impostos pela sociedade.

De acordo com Raewyn W. Connell (1995, p. 190)

A maior parte dos rapazes internaliza essa norma social e adota maneiras e interesses masculinos, tendo como custo, frequentemente, a repressão dos seus sentimentos. Esforçar-se de forma demasiadamente árdua para corresponder à norma masculina pode levar à violência ou à crise pessoal e a dificuldades nas relações com as mulheres.

Nesse sentido, destacamos aqui o documentário "O silêncio dos homens", lançado em agosto de 2019, em que o site PapodeHomem pesquisou com mais de 40 mil pessoas sobre as dores, as qualidades, as omissões e os processos de mudança dos homens, a fim de fomentar um movimento de transformação.

Poderíamos, assim, considerar a existência de *scripts* de gênero aliados a modos de se vestir convencionados e como isso afeta (ou não) os sujeitos e seus modos de se apresentarem e se comportarem, pois como argumenta Lanz (2017, p. 172)

Os códigos sociais de vestuário, junto com medidas disciplinares legais relacionadas a desempenho de gênero, restringem enormemente o âmbito de ação individual, aumentando a pressão sobre as pessoas para que elas se ajustem aos padrões de aparência e comportamento de gênero.

Além disso, vestir roupas consideradas do outro gênero pode ser ainda um assunto ao mesmo tempo polêmico e delicado de se debater em alguns contextos, tendo em vista as concepções ainda equivocadas de algumas pessoas sobre as identidades de sujeitos trans e travestis, por exemplo. Contudo, também há a prática artística da *drag queen*, que ocorre unicamente para performances.

Cabe aqui lembrar de uma publicação da Defensoria Pública Geral do Estado do Ceará para o Carnaval de 2019 que causou polêmica e foi compartilhada nas redes sociais no início de 2020¹²:

Imagem da campanha "Identidade não é fantasia".

¹² Disponível em: <http://www.facebook.com/DefensoriaCeara/posts/2180030312061238> Acesso em: 18 jan. 2020.



Fonte: Facebook da Defensoria Pública do Estado do Ceará (2019).

A campanha propôs que as fantasias para o Carnaval não reforçassem os *scripts* de gênero, como o caso de homens vestidos de mulheres, assim como de raça (nega maluca ou *blackface*), de etnia (indígenas e ciganos) e de religião (iemanjá, padre, muçulmano). Acreditamos que tal fomento à reflexão no período do Carnaval possa motivar as pessoas a cogitarem distintas fantasias que não retratem a realidade de outras, quase sempre de maneira pejorativa.

Ainda podemos citar a recente aparição da moda agênero, que se pretende uma vestimenta neutra desde a infância, trabalhando com cores e estampas que não reforcem os *scripts* de gênero e que vão na contramão do discurso da ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos no governo brasileiro eleito em 2018, que já propagou a ideia de que “meninas vestem rosa e meninos vestem azul”.¹³

Pensamos que em determinado momento das vinte aulas, que reitera a vestimenta como uma forma de comunicação não verbal, alguns homens poderiam acabar se sentindo o contrário do que seria a proposta do curso, desmotivando-se ao perceber que talvez não se encaixassem naquelas expectativas, discordando das dicas de estilo e se vendo como se estivessem sendo avaliados e julgados pelas suas próprias concepções do que seria se vestir bem.

Nesse sentido, Berenice Bento (2015, p. 88) pontua que a masculinidade hegemônica

Está enraizada na esfera da produção, na arena política, nas práticas esportivas, no mercado de trabalho. E, em todas estas esferas, o discurso impulsionador das práticas dos homens tem como

¹³ Disponível em: <http://oglobo.globo.com/sociedade/menino-veste-azul-menina-veste-rosa-diz-damores-alves-em-video-23343024>. Acesso em: 17 jan. 2020.

fundamento a competição, a busca insaciável pelo sucesso, pelo poder. E é neste ponto que a masculinidade deve ser provada, e, tão logo isso ocorre, é questionada, tornando necessário que seja novamente provada: sua construção é constante, implacável e inatingível.

Acreditamos que a proposta do curso parte do pressuposto de que os homens não possuem conhecimento para se vestirem bem e, por consequência, há a necessidade de se sentirem mais seguros em relação a isso, o que, de certa forma, reforça a ideia de uma masculinidade que se pretende hegemônica em relação à necessidade de se mostrarem capazes e confiantes o tempo todo, provando que são independentes e autossuficientes.

E para além do debate sobre gênero, os chinelos também já fomentaram polêmicas, como uma em específico envolvendo a sua utilização em shoppings. Em 2018, o site BuzzFeed realizou um levantamento de opiniões e constatou que o assunto divide opiniões.¹⁴ Em alguns comentários, cursistas apontaram que chinelo não combina com locais e situações mais sociais, recebendo como resposta que no Rio de Janeiro é bastante comum e aceito a sua utilização pelo clima, além de ser um calçado mais admitido em qualquer ocasião em grandes centros urbanos, cujo estilo mais despojado não é visto como um problema.

Tomando decisões melhores: vamos de chinelo ou descalços mesmo?

Com este estudo, propusemos problematizar o curso *online* “Mas você vai de chinelo?”, criado na parceria do PapodeHomem com a Havaianas, que tinha o objetivo de instrumentalizar homens sobre estilo de se vestir, argumentando que a roupa é um complemento da personalidade. Conforme divulgação, “ao final do curso, esperamos que você tenha todas as informações que precisa para começar a tomar decisões melhores. Aí, quem sabe, a autoestima dispara junto”.¹⁵

Escolhas “mais corretas” sobre vestuário implicariam no desenvolvimento de um amor-próprio maior, ou seja, o modo de se vestir estaria diretamente ligado a uma espécie de orgulho de si e bem-estar. Pensamos que em tempo de combate a diversos tipos de violência, na maioria praticados pelos homens, talvez fosse mais interessante mostrar como eles poderiam contribuir com a desconstrução do machismo, e não reforçar maneiras de se sentirem ainda mais empoderados para as situações cotidianas.

Entendemos estilo como um aspecto dos sujeitos muito singular, que é interseccionado por diversos fatores: gênero, geração, raça, classe, religião, sexualidade e territorialidade, entre outros. Assim, parece-nos que o curso “Mas você vai de chinelo?” se apresenta um pouco limitado para contemplar todas essas categorias, ao passo de que tende a idealizar um homem sem conhecimentos sobre estilo, com pouco tempo para se dedicar a aprender sobre e que é preocupado com a imagem que passa com as roupas que veste.

¹⁴ Disponível em: <http://www.buzzfeed.com/br/raphaelevangelista/de-que-lado-voce-esta-na-polemica-sobre-ir-de-chinelo-ao>. Acesso em: 19 jan. 2020.

¹⁵ Disponível em: <http://papodehomem.com.br/mas-voce-vai-de-chinelo-or-inscreva-se-agora-no-nosso-curso-de-estilo-online-gratuito>. Acesso em: 14 jan. 2020.

Acreditamos que o curso poderia auxiliar os sujeitos nos processos de produção de seus próprios *scripts* de gênero, longe de padrões rígidos estabelecidos pela sociedade. Contudo, ao parecer se destinar a um modelo fixo de masculinidade, acaba formatando os participantes – mesmo que oferecendo opções dentro de um catálogo – e indo na contramão de um movimento de rompimento de identidades pautadas no sistema que ainda delimita o que é ser homem.

Como já escreveu Virgínia Woolf (1978, p. 104), as roupas "mudam a nossa opinião a respeito do mundo, e a opinião do mundo ao nosso respeito", além disso, "são as roupas que nos usam, e não nós que usamos as roupas". Assim, é importante pensarmos o quanto não nos "vendemos" à moda e até mesmo ao estilo que temos/queremos passar e como isso tem impactado em quem realmente somos.

Sendo assim, acreditamos que ir de chinelo por esses trânsitos de masculinidades ainda rígidos poderia, em uma via de mão dupla, ajudar na negociação dos *scripts* de gênero e também reforçar normas como meios de sucesso para os homens. Mas o importante é ir, mesmo que haja ao mesmo tempo avanços e recuos, mesmo que às vezes esteja às cegas, mesmo que entre aliados e adversários.

E, por fim, ficamos a imaginar se o curso fosse destinado às mulheres, qual seria o título proposto? "Mas você vai de rasteirinha?" De sandália? De tamanco? Ou de salto alto?

Referências

BANDEIRA, Gustavo Andrada. **Do Olímpico à Arena**: elitização, racismo e heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de estádio. 2017. 341 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

BECK, Dinah Quesada. **Com que roupa eu vou?** Embelezamento e consumo na composição dos uniformes escolares infantis. 2012. 279 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

BELLO, Alexandre Toaldo. **Sujeitos infantis masculinos**: homens por vir? 2006. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

BENTO, Berenice. **Homem não tece a dor**: queixas e perplexidades masculinas. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2015.

BICALHO, Rute Nogueira de Moraes; OLIVEIRA, Maria Cláudia Santos Lopes de. O processo dialógico de construção do conhecimento em fóruns de discussão. **Interface**, Botucatu, v. 16, n. 41, p. 469-484, abr./jun. 2012.

CAETANO, Marcio; SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço (Org.). **De guri a cabra-macho**: masculinidades no Brasil. Rio de Janeiro: Lamparina, 2018.

CEZAR, Marina Seibert. **Moda e gênero**: corpo político, cultura material e convenções na construção da aparência. Novo Hamburgo: Feevale, 2019.

CHARLES-ROUX, Edmonde. **Le Temps Chanel**. Paris: Edititons Grasset, 1980.

CONNELL, Raewyn W. **Masculinities**: knowledge, power and social change. Berkeley/Los Angeles: University of Califórnia Press, 1987.

CONNELL, Raewyn W. Políticas da masculinidade. **Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995.

ECO, Umberto. Social life and sign system. In: ROBEY, David (Org.). **Structuralism, an introduction**. Oxford: Oxford Univerdity, 1973.

FELIPE, Jane. *Scripts* de gênero, sexualidade e infâncias: temas para a formação docente. In: ALBUQUERQUE, Simone Santos; FELIPE, Jane; CORSO, Luciana Vellinho (Orgs.). **Para Pensar a Docência na Educação Infantil**. Porto Alegre: Evanfrag, 2019. p. 238-250.

FIGLIUZZI, Adriza. **Homens sobre rodas**: representações de masculinidades nas páginas da revista quatro rodas. 2008. 179 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

LANZ, Letícia. **O corpo da roupa**: a pessoa transgênera entre a conformidade e a transgressão das normas de gênero. Uma introdução aos estudos transgêneros. 2 ed. Curitiba: Movimento Transgente, 2017.

LIPOVETSKY, Giller. **O império do efêmero**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LOPES, Charles Roberto Ross. **Seja gay... mas não se esqueça de ser discreto**: produção de masculinidades homossexuais na Revista Rose (Brasil, 1979-1983). 2011. 100 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

MAZZAROTTO, Rosilene. **“Quero ser um pai como a minha mãe”**: produção de masculinidades e o programa bolsa família. 2019. 116 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

PAHO. Pan American Health Organization. **Masculinities and Health in the Region of the Americas**: Executive Summary. Washington, D.C., 2019. Disponível em: <http://iris.paho.org/xmlui/handle/123456789/51666>. Acesso em: 15 jan. 2020.

ROSA, Cristiano Eduardo da; FELIPE, Jane. Uma diva dentro de mim: descobertas femininas sobre *scripts* de gênero no processo de montagem *drag queen*. In: RIBEIRO, Joyce Otânia Seixas; VILAÇA, Teresa; BRÍCIO, Vilma Nonato de; MENDES, Sandra Karina Barbosa (Orgs.) **Gênero, sexualidade e educação**: problemas contemporâneos. Curitiba: CRV Editora, 2019. p. 61-74.

SANTANA, Yuri Anderson de Meneses. **Moda e masculinidade no ciberespaço**: análise dos artigos do portal Papo de Homem. 2019. 85 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social – Jornalismo) - Centro Universitário UNIFTC, Salvador, 2019.

SANTOS, Éderson Costa dos. **Um jeito masculino de dançar**: pensando a produção das masculinidades de dançarinos de hip-hop. 2009. 123 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SEFFNER, Fernando. **Derivas da masculinidade**: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual. 2003. 260 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

SEFTON, Ana Paula. **"Pai não é de uso diário" (?)**: paternidades na literatura infanto-juvenil. 2006. 145 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

SILVA, Alessandra Dartora da. **Rua da Passagem**: acidentes de trânsito como espaços de (re)produção e práticas de masculinidades. 2014. 235 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

SILVA, Luciano Ferreira da. **Mind the trap**: construção de masculinidades juvenis e suas implicações com o desempenho escolar. 2018. 237 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

WOOLF, Virgínia. **Orlando**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

ZAGO, Luiz Felipe. **Masculinidades disponíveis.com**: sobre como dizer-se homem gay na internet. 2009. 226 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

Submetido: 04/03/2020

Aceito: 12/03/2021